

Um caso: Do tênis ao canto

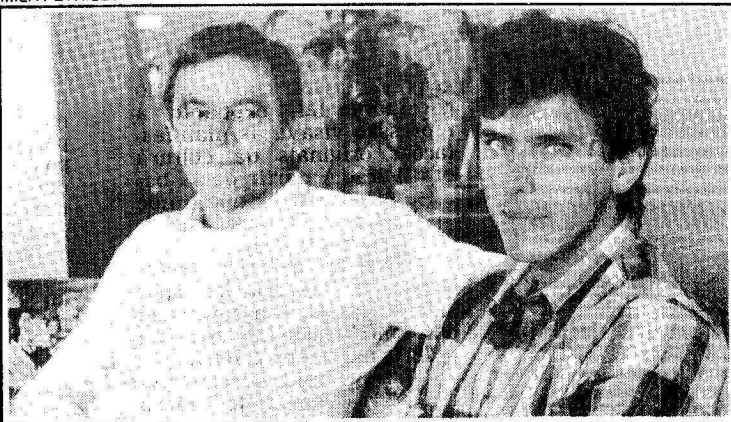
MILA PETRILLO

O vocalista da banda Terceiro Ato, Carlos Magno Melo Dias, abandonou a carreira promissora de tenista para se dedicar ao rock. Tendo ganho o torneio Carrasco Bowl, em 1980, no Uruguai — campeonato que para a categoria é mais importante que o Sul-Americano de Tênis — e recebido outras premiações tanto no Brasil como no exterior, ele não se arrepende. O tênis não foi abandonado totalmente. Hoje, com 22 anos ele é treinador exclusivo de Gustavo Silva, considerado um grande potencial do juvenil brasileiro, mas seu sonho está no universo dos sons: escrever, montar e dirigir uma ópera rock.

Sua história, peculiar como outras tantas histórias brasileiras, começou aos oito anos de idade, quando ele e o pai, Carlos Magno Maia Dias, então com pouco mais de 40 anos, se iniciaram na prática do tênis praticamente juntos. O pai, por conta da idade não passou de um certo nível desta modalidade esportiva. Já o filho dedicou-se ao tênis durante onze anos, enfrentando toda a disciplina necessária para uma boa performance.

Prestes a completar dezenove anos, Carlos Magno parou de jogar. Tudo começou quando ele passou a observar o pessoal de sua idade saindo à noite para se divertir, enquanto era obrigado a dormir cedo para manter a forma. Cumprindo compromissos, morou em São Paulo por oito meses, dedicado aos treinos. Porém, seis meses antes da decisão final Magno começou a dar umas saídas nos finais de semana paulistas, onde a semente de seu envolvimento com a música foi definitivamente plantada.

O início do ano de 1985 trouxe o Rock in Rio. O interesse de Magno pela música crescia, assim como o seu conflito. Com o auxílio dos amigos e de algu-



Carlos Magno Maia e o filho Carlos Magno Melo Dias, unidos no tênis e no rock

mas cervejas a decisão foi tomada: um interurbano foi dado a Brasília, diretamente do Rock in Rio, onde ele comunicou ao pai que abandonaria a carreira de tenista.

Ao retornar a Brasília, montou uma banda chamada 1/2 Grama Não Faz a Nossa, onde compunha e era vocalista. Dos cinco integrantes do grupo, quatro eram ex-tenistas. Sua primeira apresentação foi no Festival do Colégio Leonardo da Vinci, no mesmo ano, quando a recém-formada banda obteve o terceiro lugar. Animados, passaram a frequentar a Feira de Música e a tocar em festas e onde surgisse uma oportunidade. Ao se afastar da 1/2 Grama, Magno passou um mês viajando de carona e acabou chegando ao Mediterrâneo, de Itaparica, onde passou três meses dando aulas de tênis.

Ao final desse tempo, foi designado pelo clube para passar seis meses no Marrocos como professor. Quinze dias seriam o suficiente para que ele viesse descansar em Brasília e se preparar para a viagem. N-ao houve descanso, muito menos os marroquinos contaram com a

sua presença, pois na mesma semana em que chegou à cidade, montou a Terceiro Ato, gravou duas músicas que foram remetidas para a Funarte e para o Sebo do Disco, que estava prestes a Lançar Rumores II — uma coletânea de rock de Brasília.

Carlos Magno Maia Dias, o pai, se sente uma viúva pelo fato de o filho ter abandonado a promissora carreira de tenista, onde já tinha futuro garantido. Ele não gostou da idéia, mas respeitou e apoiou a opção do rapaz. Aos 52 anos, Magno pai, que nos anos 60 gostava dos Beatles, aprendeu recentemente a apreciar o rock brasileiro. Até um significado atual ele já atribui ao rock: "Todos os barulhos do rock se harmonizam e produzem o chamado som. Hoje se presta mais atenção à música. No meu tempo o rock estava muito ligado as letras".

Quanto ao trabalho do filho como letrista, Magno ressalta que a alma, a espiritualidade, o interior do ser humano e sua valorização existencial estão sempre presentes. Como ambos compartilham estas mesmas preocupações, ele se mostra muito satisfeito.